

BRINCAR DE LER

Bola, boneca, livro, *tablet*, peteca: o berço de um futuro leitor

Quando um bebê começa a ser gerado no útero da mãe, e coloniza o coração das famílias à sua volta, imediatamente nascem expectativas e inquietações. Uma série de providências e cuidados especiais inicia uma rotina específica para acolher essa nova vida. A mãe faz exercícios, ioga, drenagem linfática, começa a cantar e a ler para o filho que vai chegar, arrematando cuidadosamente uma cumplicidade para toda a vida. No enxoval do bebê constam itens fundamentais, como fraldas, lençóis, toalhas, mamadeiras, termômetro, brinquedos, livros.

No útero da mãe, o bebê já participa do ambiente que o hospeda. Ambos estão profundamente ligados. Ele ouve sua voz e reage aos estímulos proporcionados. Seus corações batem simultaneamente. Quando nasce, é envolto em acalantos e ouve belas histórias. Agora, apesar de intimamente ligado à mãe, também reconhece os carinhos da família. Nos banhos matinais, a água morna e a suavidade do toque das mãos de seus cuidadores dão o tom aconchegante ao ambiente. E, para que tudo fique divertido – brincadeira é coisa séria para criança, é seu meio de reconhecer o mundo que a cerca –, boiam em sua banheira bichinhos de borracha e livrinhos de plástico, coloridos. Aos poucos, o bebê manuseia esses objetos, reproduzindo o gesto cotidiano de seus cuidadores.

Os meses avançam e a interação do bebê com o mundo é cada vez mais intensa. Rola pelo chão, instigado por objetos que chamam sua atenção, exercitando seus “acessórios” – tronco, braços, pernas, pés, mãos. Tudo deve ser suave ao toque do bebê, os brinquedos e livrinhos são de panos coloridos. Curioso, observa atentamente os movimentos realizados por seus pais e cuidadores. Com a bola, pra lá e pra cá; o carrinho, que vai e vem; a boneca, que se aproxima e se afasta; as páginas do livro, que abrem e fecham, em perfeita conexão com a voz dos adultos que lhe ofertam essa brincadeira; as telas do *tablet* e do celular, que vêm e vão com o mesmíssimo movimento.

Os objetos passam da mão à boca – fase oral, os bebês literalmente experimentam o mundo que os cerca! Começa a engatinhar ao som de canções que tocam e são cantadas – tenta imitar os sons emitidos por seus cuidadores. Passa sobre tudo que está no caminho: almofadas, brinquedos e livros cartonados, com muita imagem e muita cor. Levam-nos à boca e os seguem com os olhos fascinados à medida que um adulto vira suas páginas revelando novas formas, cores, novos sons. Assim, vai aprendendo que a vaca faz “muuuu”, o galo faz “cocoricó”, o cachorro faz “au au”, as buzinas fazem “bi bi”. O mundo é divertido, colorido, aconchegante e tem sempre alguém pronto para lhe doar tempo, cuidado, amor e muitos, muitos sons. Devagar, ele aprende que esses sons são palavras e que as palavras são “imagens” para se ver, ouvir, falar e escrever.

As preferências vão surgindo ao longo das experimentações: sabores, cores, músicas, brinquedos, histórias, lugares, pessoas – os vínculos mais estreitos, claro, são reservados à mãe, ao pai, aos irmãos, à família e aos cuidadores. Com eles aprenderá que o mundo é belo e as pessoas são boas. Olha e escuta atentamente, repete sons e atitudes. Em seu baú de brinquedos tem bola, boneca, livro, peteca, monta-monta, bichinhos, carrinho... ah! os livros literários com sons ao toque do dedinho, texturas diferentes e *pop ups* são os mais curtidos – como é igualmente curtida a presença do cuidador, sua voz, seu toque, seu carinho. Todo objeto, brinquedo e livro são meios de transporte de cuidados e de afeto.

Pesquisas revelam que o **gosto pela leitura tem influência direta** das professoras (45%), **das mães** (43%) **e dos pais** (17%). Portanto, proporcionar ao bebê uma rotina de contatos com a leitura em voz alta e com os livros, impressos ou digitais, além de garantir-lhe um melhor **desempenho escolar**, terá papel importantíssimo na **elaboração de suas emoções e na construção de sua base afetiva**.

A leitura, em especial a literária, é uma atividade social que nasce a partir da mediação de um adulto educador, pais e professores, com a criança. Não nascemos leitores; nos tornamos leitores porque essa é uma prática social: **nos tornamos leitores por convívio e por contato com livros, leitores e leituras**. Como diz a fonoaudióloga e mestre em psicolinguística pela USP Lucila Pastorelo, “falamos com os bebês para que aprendam a falar; dançamos com os bebês para que aprendam a dançar; sorrimos e dizemos não para que consigam fazê-lo. É preciso ler para crianças pequenas, bem pequenas, sempre. Para que elas possam ler, ter acesso ao mundo e tornarem-se cada vez mais Humanas”.

As crianças se tornam leitoras literalmente no colo dos pais, mesmo que estes não saibam ler ou tenham dificuldades de leitura. Mais tarde, na escola, dão sequência a esse aprendizado, acompanhadas de seus professores, e assim, aos poucos, acordam humanidades, como anuncia o querido poeta Bartolomeu Campos de Queirós: “De tudo nos fica a certeza de que é necessário – mais que nunca – educar os nossos sentidos. Só depois de bem apurados seremos capazes de nomear com mais significantes o mundo, que nos recebe para a vida e que estará, sempre, antes e depois de nós. E não há método mais eficaz do que a **palavra literária** para acordar e atribuir sentidos às coisas. É preciso **aprender a contemplar as sementes e deixar a palavra dizer a árvore que ela protege em seu dentro**”.

E até parece que eles já nascem sabendo disso, como revelou o Petrus, garoto de 13 anos de Laranjal Paulista (SP): “Podemos não aprender a ler e escrever na barriga da mãe, mas lá é que as nossas palavras são feitas, e quando nascemos elas estão somente esperando em nossa boca para sair e se soltarem no mundo”.

Christine Castilho Fontelles

Socióloga e Diretora de Educação e Cultura do Instituto Ecofuturo.

Para que serve uma biblioteca?

“Não entendi nada!”. Um número expressivo de pessoas, jovens e adultos vive cotidianamente este tormento de efeito paralisante diante de uma bula de remédio, de um trecho de texto jornalístico, do assunto de uma prova, de uma mensagem qualquer, uma opinião, um poema. Não nascemos sabendo nem gostando de ler, por isso é preciso educar para ler desde a primeira infância, ler gêneros diversificados, ler literatura, e, SIM, a biblioteca é a casa do leitor e suas portas devem estar escancaradas para ele!

Afinal, para que serve a biblioteca? A biblioteca pública aberta à comunidade é o lugar por excelência para termos acesso gratuito aos recursos e atendimento para que possamos fazer nossas consultas, empréstimos, pesquisas e nos tornarmos leitores. Educar para ler é uma missão que requer esforço, concentração e criatividade, principalmente em uma época com excesso de informações midiáticas e escassez de tempo, como a nossa. Logo, é fundamental que a biblioteca seja viva e se prepare para atrair e reter usuários com estratégias pensadas e sistematicamente ofertadas aos seus vários públicos: bebês, crianças, jovens, adultos. Se alguém entra para ler jornal, por exemplo, pode ser cuidadosamente envolvido e convencido a testar outras leituras. Bibliotecas bacanas ficam subutilizadas muitas vezes porque falta esse tipo de atendimento (conheci uma belíssima biblioteca-parque em Bogotá que passava os dias da semana praticamente vazia de público para tudo). Como acontecia nas boas locadoras de “antigamente”: tinha sempre um funcionário que nos *apresentava aquele novo filme com aquele ator com aquele tema do nosso interesse* e, dias depois, nos convencia a testar *aquele filme com aquele ator que daquela vez fazia o papel de alguém que...* e lá íamos nós, saltitando entre comédia, drama, romance, ficção científica, *cult*, *film noir*... testando palpites do cúmplice e aliado dessa aventura cinematográfica. Ou seja, minha convicção é de que não há jornada leitora sem o apoio de um leitor, no caso, um bibliotecário leitor. Os humanos precisam uns dos outros para aprender e neste caso não é diferente, ao contrário, é essencial. E isso está dito em qualquer pesquisa já realizada sobre comportamento leitor.

Deve ficar ao gosto e às possibilidades do leitor se será em suporte impresso ou digital: na Biblioteca de São Paulo (zona norte da cidade), por exemplo, *Kindles* estão disponíveis para os usuários, mas por enquanto só podem ser usados dentro da própria biblioteca. Em países da Europa e nos Estados Unidos já existem empresas, como a *Public Library Online*, que disponibilizam acervo digital aos usuários de bibliotecas públicas, que pode ser baixado nos próprios dispositivos eletrônicos. O que precisamos é ler, ler, ler, como dizia Castro Alves, “Bendito o que semeia livros à mão cheia. E manda o povo pensar! O livro, caindo n’alma. É germe - que faz a palma, É chuva - que faz o mar!”.

Acervo atraente e permanentemente atualizado, conforto térmico, iluminação adequada, atendimento cotidiano, até mesmo à noite e em feriados, são outros fatores determinantes para seu bom desempenho. A capacidade das bibliotecas de promover a leitura depende diretamente do uso que se faz delas. E o uso será cada vez mais intenso quanto melhor for a qualidade dos serviços prestados. E daí derivarão outros impactos.

A criação de uma rede de conectividade (internet banda larga) entre as bibliotecas é mais uma forma de promoção do intercâmbio de experiência e renovação do conhecimento sobretudo em um país como o nosso, com as proporções territoriais e diversidades, de modo a romper a defasagem que o isolamento geográfico inevitavelmente gera.

E, sim, bibliotecas em escolas, comprometidas com seu projeto pedagógico e preferencialmente abertas à comunidade, pois há rincões neste país, mesmo em centros urbanos como São Paulo ou Rio de Janeiro, onde a escola é a única possibilidade de contato com a educação e a cultura. Além do que, é uma estratégia importante para aproximar as famílias na construção de cultura leitora, que é tarefa para toda uma vida, e deve começar em casa já na primeira infância, quando as crianças ainda não sabem falar. O professor leitor, auxiliado por uma bela biblioteca na escola, pode muito. Agora é lei, 12 244/10: até 2020 todas as escolas do país, públicas e privadas, devem ter uma biblioteca.

É preciso reconhecer que a biblioteca é um espaço organizado para a convivência cotidiana com a leitura e que não existe um usuário/leitor típico, e sim uma multiplicidade de usuários/leitores agindo em nome de necessidades, valores, hábitos e expectativas variáveis. E a boa biblioteca é aquela que atende e surpreende seu público com ofertas de leituras igualmente variáveis e reveladoras, que coloca à sua disposição todos os recursos que lhe permita desenvolver uma leitura de mundo apurada, sensível, inovadora, que contribua para que aprenda a aprender como atuar, ser sujeito, cidadão e solidário num mundo em permanente transformação.

Christine Castilho Fontelles
Socióloga e Diretora de Educação e Cultura do Instituto Ecofuturo.

Para que serve uma biblioteca em tempos digitais?

Algumas práticas humanas se modificaram e outras sobreviveram às diferentes mudanças ao longo da história. Talvez guiados pelo mesmo padrão que garantiu a evolução das espécies, segundo Darwin, nossa decisão está sempre pautada em assegurar perpetuidade. A melhor carga genética segue adiante. A educação, baseada nas trocas entre humanos, é uma delas. Seguimos aprendendo pelas experiências ofertadas e viabilizadas por educadores. É o que traz a possibilidade de criarmos juntos novos fatos para reduzir o enorme fosso que ainda hoje separa **quem sabe** de quem **não sabe**.

O cérebro superdotado e o polegar opositor são dois valiosos “equipamentos” que nos distinguem dos outros animais, inclusive de nossos “parentes” primatas, sendo o primeiro uma enorme vantagem competitiva por meio da qual geramos conhecimento, inovação, ciência! E por meio desta desenvolvemos recursos de todas as ordens que, em tese, deveriam contribuir para que existíssemos de forma mais sustentável no planeta – um dia chegaremos lá, e é o que esperamos quando praticamos o grande exercício da esperança, a educação.

Pois bem, essa introdução é apenas para localizar quem somos, enquanto espécie, e o que podemos ser e fazer com os recursos disponíveis, em permanente inovação, atualização, graças ao nosso cérebro superdotado, entre outras coisas. E assim chegamos ao ponto desta prosa: a cultura digital, uma nova tecnologia para suportar o texto escrito. Já passamos pelas paredes das cavernas, papiro, argila... papel e, mais recentemente, a tela digital. Mais do que isso, o acesso ilimitado – até onde se tem notícia – a milhares de dados via internet.

Ou seja, somos bem-aventurados – embora nem todos e nem ao mesmo tempo, uma vez que a internet banda larga no Brasil não é um item disponível em escala nacional – com tecnologias que podemos escolher, para acessar informação e até participar de educação à distância, algo que é realizado sempre com o apoio de um tutor e, nos casos de graduação e especialização, um professor que media as aulas, incluindo discussões com o grupo – material autoinstrucional é usado apenas em oficinas de pequeníssima carga horária.

Indo ao ponto, que é inclusão na cultura escrita, educar para a leitura, biblioteca. Afinal, para que serve uma biblioteca em tempos digitais? Eu diria, para sintetizar, que é para promover encontros entre leitores e não leitores, entre leitores e leituras, reproduzindo aquela experiência de que lançamos mão desde sempre para sermos educados. Em Madri, existe a *Casa del Lector* (Casa do Leitor), um nome de que gosto muito, porque deixa claro quem importa. Lá se emprestam *tablets* com acesso gratuito a várias publicações. O objetivo é formar pequenos leitores digitais e oferecer atividades/ encontros para crianças a partir de nove meses. Consulte o *link*: <<http://casalector.fundaciongsr.com/788/-de-9-meses>> (acesso em: 3 mar. 2015) para conhecer.

Aprender a ler, diferentemente do que pensamos, é uma tarefa desafiadora e para toda uma vida, que deve começar em casa, no útero, como tudo, ofertado pela família, e se estender às escolas, às bibliotecas, colocando à disposição todos os recursos tecnológicos dos quais dispomos – não há razão para abrir mão de nenhum. Pesquisas apontam com clareza que são os professores, seguidos de perto pela mãe e depois pelo pai, os grandes responsáveis pela formação leitora de

crianças e jovens. Como afirma o Prof. Luiz Percival Leme Britto, da Federal do Oeste do Pará e grande pesquisador da área, “não é que as pessoas não leem porque não querem, elas não leem porque não podem”, comentando o cenário de baixos índices de leitura e de competência leitora no Brasil, reforçando que é preciso ler e educar para ler “para além do cotidiano imediato, com níveis de complexidade variados, o que envolve a esfera de produção intelectual relacionada com a escrita, relativa à **interação com os conhecimentos e valores formais, às ciências, às artes, à formação e ao estudo**”.

A biblioteca é esse lugar educativo, de acesso gratuito ao conhecimento estruturado pela escrita, pelo livro, impresso ou digital, onde encontramos um educador comprometido com esta tarefa, no caso da biblioteca em escola, totalmente conectado com o projeto pedagógico da escola, mas também oferecendo leituras que vão além das tarefas escolares. Um lugar de encontro com leitores, de ideias, como vi semana passada numa biblioteca em uma escola na área rural do Maranhão, onde conheci lasmin, sua irmã Fernanda e o amigo Bruno, na faixa dos 13-14 anos, completamente fascinados, mobilizados e convictos dos benefícios gerados por uma boa biblioteca. Sem que perguntasse, me disseram espontaneamente que gostariam de ser escritor, editor, bibliotecário, viabilizando um ciclo que é tão vital: se dispor a compartilhar uma ideia de mundo pela escrita, se dispor a viabilizar o amplo acesso a esta ideia e se dispor a promover o encontro entre uma ideia, um autor, um leitor e, quem sabe, um novo mundo, um mundo melhor, um mundo mais sustentável, com qualidade de vida para todas as vidas.

Christine Castilho Fontelles
Socióloga e Diretora de Educação e Cultura do Instituto Ecofuturo.